

VAI ONDE PUDES IR, PORQUE IAHWEH CHAMOU A FOME SOBRE A TERRA (2RS 8,1)

*Sandro Gallazzi**

Toda a dinâmica da vida do povo de Israel é marcada pela escassez crônica das águas superficiais. A seca e a fome marcam presença constante na vida do povo, desde os tempos dos patriarcas e das matriarcas. Populações inteiras sofrem as consequências desta realidade: migração, dependência, opressão. Neste ensaio vamos acompanhar esta realidade, ver como a seca está na origem do estado opressor e, ao mesmo tempo, na origem da resistência profética. Terminamos trabalhando o significado simbólico da fome e da comida como elementos da nossa caminhada rumo à terra sem males.

Palavras chave: Fome; Migração; Partilha; Opressão; Pobres

Depois de ler “Caim”, um dos últimos livros de Saramago, é difícil falar de ecologia na Bíblia. Caim, condenado por Deus a peregrinar sobre a terra, no espaço e no tempo, vai vivenciar momentos de uma violência mítica, insuportável: o dilúvio universal, a destruição de Sodoma e Gomorra, a decepção da nunca terminada torre de Babel, o incompreensível sacrifício de Isaac... Por que Deus quis punir Caim, quando ele mesmo não hesitou em matar, queimar, destruir, aniquilar, devastar?

É claro que todos os que temos um pouco de formação bíblica sabemos que se trata de textos míticos que não podem ser tomados ao pé da letra, que devem ser colocados na sua dimensão teológica, sociológica etc. Mas quando vejo a Bíblia da criança nas mãos do meu netinho, lá vejo a arca de Noé, vejo Abraão pronto para sacrificar o filho e tudo muito bem

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, trabalha na Comissão Pastoral da Terra na Amazônia, publicou, entre outros “Por uma terra sem mar, sem templo e sem lágrimas”, “A teocracia sadocita”, “Ensaio sobre o pós-exílio” e os comentários aos livros de Ester, Judite e 1º Macabeus, na coleção Cometário Bíblico Latino-americano. Macapá (AP)/Brasil.

colorido, atraente, bonito de se olhar e me pergunto que imagem de Deus fica gravada na sua cabecinha? Com certeza não a de um Pai, mas de um juiz severo e inapelável.

Então agradeço Saramago que, no seu ateísmo crítico e cáustico, sabe nos fazer rir deste Deus que é pior e mais malvado do que Caim.

Precisamos fazer todo esforço possível para desconstruir, desmontar. Sei que não vai ser fácil. E, para isso, precisamos sempre partir da realidade, do elemento concreto, do detalhe histórico.

E nada há de mais concreto do que a fome, resultado das terríveis secas que de vez em vez assolavam as terras de Canaã.¹ Podemos dizer que a história do povo é indissolúvelmente ligada à seca e à fome.

A seca e os patriarcas

Houve uma fome na terra. E Abrão desceu ao Egito para morar ali temporariamente, pois a fome apertava a terra (Gn 12,10).

A primeira experiência vivida por Abraão, depois de ter sido chamado por Iahweh e ter percorrido a terra de Canaã, foi a seca que o obrigou a ir ao Egito, onde o rio Nilo mantinha a fertilidade da região.

A história dos nossos patriarcas e das nossas matriarcas é marcada pela seca. A terra de Canaã, prometida por Deus a Abraão e aos seus descendentes (Gn 12,7), terra prometida e sonhada como “*uma terra boa e espaçosa, uma terra onde corre leite e mel*” (Êx 3,8), na realidade, era uma terra onde a água tem um papel decisivo. Em muitas de suas regiões a água é escassa. O clima é o subtropical mediterrâneo. O inverno (outubro - março) é chuvoso e o verão (abril - setembro) é seco.

As chuvas, porém, não caem de modo uniforme em toda a região. Elas vêm do Mediterrâneo e param quando encontram o obstáculo das serras mais altas (Galileia e Judá). Por isso as regiões mais ao leste são semi-áridas. O deserto de Judá é um exemplo disso. Diga-se o mesmo da depressão do rio Jordão onde pouco chove ou quase nada.

Nestas regiões o orvalho tem um papel muito importante e viabiliza alguma vegetação nas regiões mais áridas. O sistema fluvial está relacionado às chuvas. A maioria dos rios, riachos e ribeiros, no verão desaparecem e se infiltram no subsolo. O Quisom e o Cedron, por exemplo, são rios deste tipo e são chamados de “*wadi*”.

¹ A palavra fome aparece 151 vezes nos textos bíblicos. 139 vezes no primeiro testamento e 12 vezes no segundo.

Podemos identificar três regiões climáticas:

No vale meridional ao redor do mar Morto, ao leste da serra de Judá e no Neguev, predominam as estepes e as áreas desérticas.

As serras de terra fértil dependem principalmente da estação das chuvas. Aqui, como nas estepes, poços e cisternas eram vitais para a sobrevivência de pessoas e animais.

As planícies litorâneas ou entre as serras são as áreas mais beneficiadas pelo solo aluvial e fértil pela concentração das águas. O controle destas áreas foi causa de muitos conflitos com os povos vizinhos: filisteus, egípcios, no sul e arameus e fenícios no norte.

Bastava um tempo sem chuvas para provocar a fome e a migração de clãs e tribos.

Foi assim, como vimos, com Abraão. Para ele, pastor, seminômade, o lugar da celebração da fé era a “árvore grande” (Gn 12,6). Nesta terra semi-árida, a árvore grande era sinal de presença de água e, por isso, de terras férteis, onde o rebanho podia pastar e crescer. A árvore era o sinal da vida e, por isso, o lugar de Deus.

Foi assim, também, com Isaac: *Houve na terra outra fome, além da primeira no tempo de Abraão, e Isaac foi até Gerara ter com Abimelec, rei dos filisteus* (Gn 26,1).

Desta vez, porém, Isaac não foi para o Egito. Ele, pequeno agricultor, precisava controlar a água que devia estar presente no campo. A importância do “poço” era fundamental. O poço tornou-se o lugar que garantia a vida. O conflito por terra era, também, conflito por poços “a água é nossa!” (Gn 26,20). O poço foi o novo lugar da celebração do culto a Deus. Poço era, também, lugar de vida social: as matriarcas de Israel – Rebeca, Raquel, Sêfóra – foram encontradas à beira dos poços.

A seca e o estado opressor

A mais conhecida migração originada pelas mudanças climáticas é, sem dúvida, aquela vivida por Jacó e sua família

Vendo que havia cereais no Egito, Jacó disse aos filhos: “Por que ficais aí parados olhando uns para os outros? Ouvi dizer que no Egito há trigo. Descei até lá e comprai trigo para nós a fim de nos mantermos vivos e não morrermos”. Desceram dez dos irmãos de José para comprar trigo no Egito... Os filhos de Israel chegaram com outros que também vinham comprar cereais, pois havia fome em Canaã (Gn 42,1-5; ver também Gn 43,1).

O contexto da fome é apresentado, nas antigas memórias bíblicas, como a causa do surgimento do estado opressor. No centro destas memórias está José, o filho de Jacó que significou a passagem do sistema tribal para o estado.

De escravo vendido pelos irmãos, José passou a ser a segunda autoridade do reino egípcio. No centro desta transformação está o sonho do faraó que José explicou como sendo uma sucessão de épocas de fartura por épocas de fome (Gn 41,1-37).

José foi o homem que encheu os armazéns do faraó nos anos de fartura, para administrá-los na época da seca e da fome.

É verdade que costumamos recontar estas memórias para por em destaque a magnanimidade de José que perdoa os irmãos que o tinham vendido e oferece ao pai Jacó e a seus irmãos uma terra boa, a terra de Gessen, onde eles puderam viver muito bem, mesmo criando ovelhas, mesmo não sendo do agrado dos egípcios (Gn 45,1-15). São estas as memórias guardadas na redação profética das páginas bíblicas.

Mas não podemos esquecer outro texto que está presente nas memórias bíblicas. Um texto que nos fala de como a fome foi usada por José para reforçar o poder do faraó e para concentrar as riquezas nos seus armazéns. A chegada da seca e da fome foi o estopim destas mudanças:

Terminados os sete anos de fartura que houve no Egito, começaram a vir os sete anos de fome, como José havia dito. Houve fome em todos os países, mas no Egito inteiro havia pão. E quando também todo o Egito começou a sentir fome, o povo se pôs a clamar ao Faraó, pedindo pão. O Faraó disse à população: "Ide a José e fazei o que ele vos disser". Quando a fome se estendeu a toda a terra, José abriu todos os armazéns de mantimentos e começou a vender o trigo aos egípcios, pois a fome se agravava no Egito. De todos os países vinham para o Egito comprar de José, pois a fome era dura em toda a terra. (Gn 41,54-57)

Ao contrário dos irmãos que receberam, gratuitamente, de José pão e terra, os egípcios e os outros povos tiveram que comprar o pão que tinha sido recolhido nos armazéns do faraó.

Poucos versículos bastaram para fazer uma síntese desta dinâmica de opressão que foi gerada pela fome.

Faltava comida em toda a terra, pois a fome se agravava. Tanto o Egito como Canaã estavam extenuados pela fome. José chegou a recolher em troca de trigo todo o dinheiro que havia no Egito e em Canaã e depositou o dinheiro no palácio do Faraó. Esgotado o dinheiro do Egito e de Canaã, os egípcios em peso recorriam a José, pedindo: "Dá-nos pão! Ou será que teremos de

morrer em tua presença porque o dinheiro acabou?” José lhes respondia: “Já que vos falta dinheiro, trouxe-me vossos rebanhos e eu vos darei pão em troca”. Eles trouxeram os animais e José lhes deu pão em troca de cavalos, rebanhos de ovelhas, de bois e jumentos. Naquele ano forneceu-lhes pão em troca de todos os rebanhos. E passado aquele ano, vieram no ano seguinte e lhe disseram: “Vamos ser francos ao senhor! Se o nosso dinheiro acabou e se já lhe demos nosso gado, não lhe resta outra coisa senão nossa vida e nossas terras. Por que haveríamos de perecer diante de ti, nós e nossas terras? Compra-nos junto com as terras a troca de pão e nós com as terras serviremos ao Faraó. Dá-nos sementes para que possamos viver e não morramos, e nossas terras não fiquem desoladas”. José adquiriu para o Faraó todas as terras do Egito porquanto, obrigados pela fome, os egípcios venderam cada um seu campo. Assim a terra veio a ser propriedade do Faraó, quanto aos homens, ele os deportou nas cidades² de um extremo ao outro do território do Egito (Gn 47,13-21).

Esta página, justamente por ser, provavelmente, simbólica, adquire uma importância que ultrapassa o mero acontecimento histórico. É uma página paradigmática de um processo que se repetiu muitas vezes, em vários lugares e ao longo dos séculos.

É uma página que poderia muito bem estar falando de coisas que acontecem, também, nos nossos dias.

É o que diz o final desta perícopes, escrito dois o três séculos depois dos acontecimentos narrados: *José fez uma lei que ainda hoje existe. Por esta lei pertence ao Faraó a quinta parte do produto das terras do Egito* (Gn 47,23).

A seca e a fome provocaram um conjunto de “migrações” progressivas: o dinheiro do povo migrou para o palácio do faraó. Em seguida migraram os rebanhos que se tornaram propriedade do faraó. Depois foi a vez da terra: *“José adquiriu para o Faraó todas as terras do Egito porquanto, obrigados pela fome, os egípcios venderam cada um seu campo. Assim a terra veio a ser propriedade do Faraó”*.

Finalmente migraram os homens que, segundo o texto grego, passaram da liberdade à escravidão ou que, segundo o texto hebraico, foram deportados para as cidades. Mão de obra barata e submissa aos interesses dos poderosos.

A “migração” mais profunda, porém, foi a migração da cabeça. Esta memória bíblica nos mostra a progressiva perda da dignidade das pessoas que, por causa da fome, acabaram entregando tudo nas mãos de José e

² Esta é a versão hebraica. O texto grego diz: “Quanto aos homens ele os reduziu à escravidão de um extremo ao outro da terra do Egito”.

do seu chefe.

Enquanto a população tinha com que comprar o trigo armazenado com o seu dinheiro, a relação com José foi, digamos, assim, comercial e quase paritária: você vende, eu compro. Quando faltou o dinheiro, o povo passou de comprador para pedinte: *“Dá-nos pão! Ou será que teremos de morrer em tua presença porque o dinheiro acabou?”*. E irão trocar rebanhos por trigo.

Quando o pão faltou pelo terceiro ano seguido, o povo passou de pedinte para escravo: José será chamado de “senhor” e o povo, para não morrer de fome, vai se sujeitar a perder as terras e a liberdade: *“Compranos junto com as terras a troco de pão e nós com as terras serviremos ao Faraó”*.

É uma versão interessante da origem da escravidão. O povo se torna escravo porque quer, porque não quer morrer de fome.

É mais fácil assim, do que arriscar a vida tentando arrombar os armazéns para que todos possam comer o pão que eles mesmos produziram. Outras vezes os textos bíblicos vão lembrar esta realidade: é melhor a escravidão do que a morte!

Logo depois de ter fugido do faraó e antes mesmo de atravessar o mar dos juncos o povo irá se revoltar com Moisés, ao ver as tropas do faraó que os estavam alcançando:

Foi por não haver sepulturas no Egito que nos trouxeste para morrermos no deserto? Que vantagem nos deste tirando-nos do Egito? Não foi isso que te dizíamos no Egito: Deixa-nos em paz para que sirvamos aos egípcios? É melhor servir como escravos aos egípcios do que morrer no deserto (Êx 14,11-12).

E mais de mil anos depois, nos dias de Judite, o povo de Betúlia, cercada pelos exércitos de Holofernes, dirá a seus chefes:

“Entregai a cidade inteira à gente de Holofernes e a todo o seu exército, para que a saqueiem. Para nós é preferível sermos saqueados por eles. Seremos escravizados, mas conservaremos a vida. Não veremos morrer nossas crianças diante de nossos olhos, nem perecer nossas mulheres e nossos filhos!” (Jt 7,26-27)

Mais grave, ainda, é quando o povo não só aceita a escravidão e a opressão, para não morrer de fome, mas acredita que isso é o melhor que possa lhe acontecer. Voltemos ao texto de Gênesis para ver como se conclui a história:

E José disse ao povo: “Hoje vos comprei junto com as terras para o Faraó. Aqui tendes as sementes com que semeareis as terras. No tempo da colheita dareis a quinta parte ao Faraó. As outras quatro partes servirão para semear os campos e para sustento vosso, de vossas famílias e de vossos filhos”. Eles disseram: “Devolveste-nos a vida. Alcançamos teu favor e nos tornaremos servos do Faraó” (Gn 47,23-25).

Devolveste-nos a vida! Esta é a “migração” definitiva. Ninguém mais vai correr o risco de morrer de fome, mesmo que tenha de viver como escravo e pagar o tributo aos donos de nossas terras e das riquezas por nós produzidas.

Para que isso aconteça, porém, não basta a fome do povo. É preciso apelar para Deus. É preciso que o/s Deus/es seja/m o/s garante/s dos poderosos. O faraó será visto como a encarnação da divindade, Salomão como o “filho” de Deus (2Sm 7,14), o Sumo Sacerdote como o único representante e porta-voz de Deus (Êx 25,22) e as autoridades como instituídas por Deus e às quais, por isso, devemos estar submissos (Rm 13,1; 1Tm 2,2; Tt 3,1; 1Pd 2,13).

Este é um lado da questão. O outro lado é a crença que tudo, também as mudanças climáticas dependem de Deus: são recompensas, quando boas ou castigos, quando destruidoras, enviadas por Deus a favor ou contra os seres humanos. Irritar Deus – ou os poderosos que o representam – pode provocar a devastação, a seca, a fome...

É o que ensina o mito do dilúvio, o castigo arrasador de Sodoma e Gomorra.

Falar de Deus desta maneira é a tarefa dos sacerdotes de faraó e de muitos outros sacerdotes quando detentores do poder ou coniventes com o mesmo. É o que nos diz o texto que estamos trabalhando quando repete duas vezes, ao início e ao fim da perícopo:

(José) só deixou de comprar as terras dos sacerdotes porque eles recebiam do Faraó uma subvenção. Como viviam da subvenção, não tiveram de vender as terras (Gn 47,22).

Somente as terras dos sacerdotes não passaram para o Faraó (Gn 47,26).

Pagos e sustentados pelo faraó para convencer o povo que a escravidão era a salvação de suas vidas. Pagos e sustentados pelo faraó para legitimar o tributo, uma lei que dura até os dias de hoje (Gn 47,26). O templo era o órgão legitimador e arrecadador do tributo. O templo desde sempre foi templo do rei!

Um novo modelo vivenciado no deserto

A grande migração se deu no caminho inverso ao de Jacó. O povo de Israel peregrinará por longos 40 anos no deserto do Sinai, de volta do Egito para a terra de Canaã, a terra prometida aos antepassados.

Em que pese a historicidade deste evento e o tamanho do mesmo, quando alguém, séculos depois, nos falou dele, o transformou, também, em evento paradigmático, memória de uma nova maneira de viver, de se relacionar, de se organizar como sociedade. Todas as tradições bíblicas vão querer fundamentar suas propostas na experiência da migração no deserto:

Lembra-te de todos os caminhos que o Senhor teu Deus te fez andar nestes quarenta anos pelo deserto, para te humilhar e te provar, para conhecer tuas intenções, e saber se observarias ou não os mandamentos. Ele te afligiu, fazendo-te passar fome e depois te alimentou com o maná, desconhecido por ti e por teus pais, para te mostrar que nem só de pão vive o homem, mas de tudo que procede da boca do Senhor (Dt 8,2-3).

Deus está do lado dos escravos. Deus escuta o seu grito, vê sua aflição, conhece suas angústias. E Ele desce: é a migração de Deus. O Deus que Abraão conheceu como Deus das alturas, agora desce, abandona os altos céus para ser o Deus conosco. Não de todos: é o Deus dos que gritam, não dos que fazem gritar, dos que choram, não dos que fazem chorar, dos que são oprimidos, não dos que oprimem. E desce para libertar, para tirar da casa da escravidão, para conduzir a uma terra boa, espaçosa, terra de leite e mel (Êx 3,7-8).

Yahweh: ele está aqui. Ele é presença viva e vivificante, no meio dos que vivem a angústia da exploração.

Migrou Deus do céu para a terra – *o lugar onde tu estás é terra santa* (Êx 3,5) – migrou de El para Yahweh (Êx 6,6-8) e migrou do templo do faraó para o meio do povo sofrido – *Israel é meu filho primogênito* (Êx 4,22). Por isso o povo vai migrar da casa da escravidão para a terra prometida, atravessando o mar e atravessando o deserto³.

No centro da memória do deserto, sinal da misericórdia providente de Yahweh e, ao mesmo tempo, regra para uma nova maneira de administrar os bens, está o memorial do *maná*, memorial de mais uma revolta contra Moisés por causa da fome:

³ É simpático registrar que a palavra hebreu tem na sua origem o verbo *`abar*, ir além, atravessar, passar adiante e, também, enfurecer-se. No nome a identidade: um povo lutador que nasce nas andanças, nas migrações, nas transumâncias: *meu pai era um arameu errante* (Dt 26,5)

Quem dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor no Egito, quando nos sentávamos junto às panelas de carne e comíamos pão com fartura! Trouxestes-nos ao deserto para matar de fome toda esta gente! (Êx 16,3)

A saudade das panelas de carne faz esquecer, mais uma vez, a situação da escravidão e provoca a revolta do povo diante das dificuldades do processo de libertação. Desta vez a solução para a fome não vem nem da migração rumo a uma região mais fértil nem dos armazéns abarrotados que produzem dependência e exploração. É dom gratuito de um Deus sempre providente, contanto que sejamos capazes de não acumular mais do que precisamos pensando só em nós e no dia de amanhã.

Eis o que Yahweh vos mandou: Recolhei a quantia que cada um de vós necessita para comer, quatro litros e meio por cabeça, de acordo com o número de pessoas; cada um recolherá para os que moram em sua tenda. Cada um recolhia o que necessitava para comer. Moisés lhes disse: “Ninguém guarde nada para amanhã” (Êx 16,16-19).

É a lei do “anti-armazém”, a única capaz de garantir a vida de todos. Precisaremos de 40 anos de peregrinação (=a vida toda) para aprender esta lição. É preciso decidir se o bem viver vem dos armazéns entulhados de produtos ou se vem do amor providente de Deus que colocou todos os bens a serviço de todos e por todos e entre todos devem ser partilhados, sem acumular.

Jesus irá nos propor a mesma lógica

Por isso vos digo: Não vos angustieis com vossa vida, com o que comereis, nem com o corpo, com o que vestireis (...). Olhai os pássaros do céu: não semeiam, nem colhem, nem guardam em celeiros, e o vosso Pai celeste os alimenta (...). E por que vos preocupais com a roupa? Observai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam, mas eu vos digo que nem Salomão com toda a sua glória se vestiu como um deles (...). Procurai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo (Mt 6,25-33).

No céu precisamos ver os pássaros, pontinhos numa imensidão; na terra temos que achar os lírios, pontinhos brancos no meio do verde; na nossa história devemos procurar com atenção o quase invisível reino no meio de tanta dor e tantas lágrimas. Olhar os pássaros para ver como comem e bebem; olhar os lírios para ver sua esplêndida roupa; olhar o reino para ver sua justiça.

Não é fácil enxergar os pássaros do céu quando colheitas e celeiros são muito mais evidentes; não é fácil ver os lírios do campo quando

tecelões e reis maravilhosamente vestidos vislumbram os nossos olhos; é quase impossível ver o reino que está escondido por “todas estas coisas”.

Jesus não está falando do normal cuidado com as coisas da vida. Fala da tentação de crer que comida, bebida e roupa só podem ser fruto dos celeiros cheios e dos palácios luxuosos.

Neste texto, o contrário de fé é a angústia, resultado inevitável de quem sabe que nunca vai poder ter celeiros cheios e vestes luxuosas, apesar de todos os seus esforços.

Convidando-nos a olhar pássaros e flores, Mateus nos põe diante do livro da vida e nela nos ajuda a descobrir a ação gratuita e cuidadosa de Deus que age, providente, no quotidiano da natureza.

O desafio é mudar de lógica, mudar de mentalidade. O desafio é crer que comida, bebida e roupa não vêm do reino de Salomão, mas são frutos da construção da justiça do reino de Deus. Justiça é a lógica da gratuidade, do dar, do repartir. É só acabar com os celeiros e os palácios para que tenha pão em todas as mesas. Os celeiros e os palácios de ontem e de hoje.

Não vos angustieis com o dia de amanhã. O dia de amanhã terá suas próprias angústias. A cada dia basta o seu mal (Mt 5,34).

É a antiga lição do maná que ecoa ao longo dos séculos: Ninguém guarde nada para amanhã (Êx 16,19)

Quando iremos crer que este é o único plano econômico possível?

A seca e os profetas

O profetismo camponês, também, tem sua origem na seca e na fome. As memórias de Elias e de Eliseu, os pais do profetismo, são indissolúvelmente ligadas à seca e à fome.

Seca e fome que, se de um lado têm, também, uma dimensão política, por outro lado nos apontam os caminhos para sair da situação de opressão que provoca a intervenção do profeta.

Aqui, também, nos encontramos diante de páginas carregadas de tanto simbolismo que fizeram alguns biblistas duvidar da verdade dos acontecimentos narrados. Mas, como já dissemos, o simbólico pode não ser uma história verdadeira, mas é a verdade da história, é paradigma para toda a história e todas as histórias.

A seca prometida por Elias (1Rs 17,1) tem características estranhas: ela atinge Samaria, a capital, residência do palácio e do templo do rei Acab, mas parece não atingir o campo, uma vez que o rei vai querer percorrer a terra à procura de pastos junto aos córregos e aos olhos de água para sustentar cavalos e mulas (1Rs 18,5-6). A preocupação do rei é com o exército (= os cavalos) e com o comércio (= as mulas).

Mais do que de uma seca, trata-se, creio eu, de uma ação de boicote por parte dos camponeses que não quiseram pagar o tributo. A presença de muitos profetas sendo perseguidos (1Rs 18, 4), os movimentos de Elias sempre procurado pelas guardas do rei (1Rs 18,9-10) e a tarefa entregue por Yahweh a Elias de organizar a luta popular de resistência (1Rs 19,15-18) são indícios desta luta que produziu a seca nos celeiros do rei, obrigando-o a “migrar⁴” por todo o país (1Rs18,6).

A profecia aponta as saídas para a situação de opressão que provoca a fome do povo. A organização do povo na luta contra o opressor é um dos caminhos, mas – e talvez mais importante – é necessário percorrer outros caminhos que o profeta aponta.

A memória de Elias resume os passos deste caminhar, quando a seca da opressão nos atinge.

Crer no Deus dos pobres: é o primeiro passo dado por Elias que, diante da seca se retira à torrente Kerit, acreditando firmemente no amor providente de Deus que vai alimentá-los como, ontem, alimentou o povo no deserto (1Rs 17,2-7).

Crer nos pobres de Deus: crer que Deus possa nos sustentar é difícil, mas acreditar que o possa fazer uma pobre viúva que só tem um punhado de farinha para alimentar, pela última vez, ela e seu filho, é praticamente impossível e, diria, até humilhante para um varão hebreu “*Há irritação, desprezo e grande vergonha, quando a mulher sustenta seu homem*” (Eclo 25,22). Elias deve dar este passo e acreditar no “último”: o pobre não deve se ver só como vítima do sistema; nele está a solução. Por isso, a mulher terá que acreditar na solidariedade, mesmo na sua extrema pobreza e dar ao profeta o pão que era dela: “*Faze-me primeiro um pãozinho e traze-o para mim, depois o farás também para ti e teu filho*” (1Rs 17,13).

Crer no Deus do povo livre: É preciso recuperar a memória, reconstruir nossa identidade a partir da redescoberta permanente da identidade do nosso Deus. Ao se confrontar com os sacerdotes/profetisas

⁴ O verbo usado é, justamente, o verbo `abar – atravessar. Os hebreus errantes agora são o rei e seu ministro.

de Baal, no monte Carmelo, Elias convoca o povo: “Aproximai-vos de mim!” E todo o povo veio para perto dele. Ele refez o altar do Senhor que tinha sido demolido. Tomou doze pedras – uma para cada tribo dos filhos de Jacó a quem o Senhor tinha dirigido a palavra neste teor: “Teu nome será Israel” (1Rs 18,30-31). O povo que se aproxima, o altar de Yahweh e as doze pedras são os elementos litúrgicos da reconstrução da memória, do fortalecimento de uma mística que faz reviver a história, faz recuperar a identidade e o projeto de uma vida diferente sem opressões e desigualdade, do tempo em que nos chamávamos Israel. A seca termina, a chuva cai e os profetas do rei são eliminados.

Ao falar de Elias, porém, não podemos esquecer sua “migração” pessoal através do deserto até o monte de Deus o Horeb/Sinai. Desta vez não foi a fome a causa da peregrinação, mas o medo da perseguição. Elias foge da fúria de Jezabel, prefere morrer.

Ele, empurrado pelo anjo que lhe oferece água e pão, enfrenta uma simbólica caminhada de 40 dias e 40 noites até chegar ao monte de Deus. Lá ele se esconde numa gruta e manifesta a Yahweh todo seu medo:

Tenho zelo por Yahweh Deus dos exércitos. Pois os israelitas abandonaram a tua aliança, demoliram os teus altares, mataram à espada os teus profetas e sobrei apenas eu. Mas também a mim procuram tirar-me a vida (1Rs 19,10).

Deus o quer de pé diante dele, pronto para o enfrentamento. Quando Elias encontra Deus na suavidade da brisa leve e não nos elementos mais fortes da natureza, o medo o vence de novo e repete a mesma queixa: *A mim também procuram tirar-me a vida!* (1Rs 19,14).

É a este Elias cheio de medo que Deus confia a tarefa política de lutar contra o reino de Acab, com o auxílio de Hazael, de Jeú e de Eliseu (1Rs 19,15-18): *Toma o caminho de volta.* O profeta descobre assim que o Deus todo poderoso, o Deus do furacão, do terremoto e do fogo, confia na brisa leve de nossa fragilidade, nos faz protagonistas, nos dá coragem e força, junto com os muitos que, mesmo sem que nós saibamos, não se venderam ao projeto da dominação (1Rs 19,18).

É a memória do Êxodo que se repete: *E agora vai, eu te envio ao Faraó para que libertes meu povo, os israelitas, do Egito* (Êx 3,10). É o núcleo da espiritualidade profética: toda vez que nos encontramos com Deus, se for um encontro autêntico, ouviremos, sempre, Deus nos dizer: vai eu te envio.

Os dois caminhos

O mundo antigo sempre associou os fenômenos naturais à vontade direta de Deus. Para os poderosos foi fácil manipular esta visão estabelecendo regras a serem obedecidas para evitar que Deus castigasse o povo com longos períodos de seca. Quando isso acontecia era preciso descobrir os porquês e os culpados. Também isso era usado pelos reis para firmar seu poder.

Temos um claro exemplo disso numa memória guardada em 2Sm 21,1-14 e que faz parte do reinado de Davi. Uma seca que durou três anos levou Davi a consultar Yahweh. A resposta responsabilizou o falecido Saul que tinha mandado matar os gabaonitas traindo o acordo de convivência estabelecido nos dias de Josué (Js 9,2-27). A maldição jogada pelos gabaonitas produziu a seca e a longa fome. Para neutralizar a maldição, abençoando Israel, os gabaonitas exigiram de imolar em sacrifício, no antigo santuário de Gabaon, sete filhos de Saul.

Foi o que Davi fez e o rito sacrificial foi celebrado no começo da colheita da cevada. Foi assim que *“finalmente Deus teve misericórdia da terra”* e, ao mesmo tempo, Davi eliminou qualquer concorrência ao trono. E ainda se fez bonito atendendo às súplicas da mãe que impediu, durante longos dias, que os cadáveres fossem estraçalhados pelos animais: mandou enterrar os ossos dos supliciados, junto com os ossos de Saul e do filho dele Jônatas.

Lembro, também, a escolha de Davi que Deus quis punir pelo censo ilegal por ele feito: no lugar de sete anos de seca, ou de ser perseguido pelos inimigos, preferiu escolher a peste que, num só dia, exterminou 70.000 homens. A morte de tanta gente era melhor do que perder sete anos de colheitas ou perder uma guerra. A resposta dada por Davi ao profeta Gad é algo cínica: *“Estou em graves apuros, mas é preferível cair nas mãos de Yahweh, que é muito misericordioso; pois não gostaria de cair nas mãos dos homens”* (2Sm 24,14)

Estas narrativas carregadas de magia, de crueldade e de interesse político nos fazem entender o peso das ameaças contidas, também, nos livros proféticos. Nestes textos, porém, o castigo da fome é reservado a quem não quer seguir os mandamentos dados por Yahweh em vista de uma sociedade mais justa e igualitária.

Visto que não serviste a Yahweh com alegria e de bom coração, devido à abundância de bens, terás de servir aos inimigos, que Yahweh enviará contra ti, com fome e sede, na nudez e indigência de tudo. Ele te porá no

pescoço um jugo de ferro, até aniquilar-te. Yahweh te dispersará entre todos os povos, de uma à outra extremidade da terra (Dt 28,47-48.64; 32,24).

O profeta Isaías adverte: *Por isso o meu povo é deportado, por falta de conhecimento; sua elite morre de fome e sua plebe de sede* (Is 5,13). Jeremias repete: *Enviarei contra eles a espada, a fome e a peste, até que desapareçam da terra que dei a eles e a seus pais* (Jr 24,10). E Ezequiel confirma: *Um terço de tua população morrerá de peste e será aniquilado pela fome dentro de ti. Um terço tombará pela espada ao teu redor. E outro terço eu dispersarei em todas as direções e puxarei da espada atrás deles* (Ez 5,12).

Fome e exílio, seca e deportação, migração forçada este é o resultado violento e inevitável de uma nação que não caminha segundo os mandamentos do Senhor. Pelo contrário, a misericórdia de Deus se manifestará através da fartura, da abundância e da reunião de todos os dispersos. Da boca dos profetas e das profetisas sai um convite permanente a levar a sério a palavra de Deus, para que todos possamos viver bem e em paz.

Eis que virão dias – oráculo do Senhor Deus –
em que enviarei fome á terra,
não uma fome de pão, nem uma sede de água,
mas de ouvir as palavras de Yahweh (Am 8,11).

Mesmo que nós, hoje, saibamos dar razões bem mais técnicas e materiais aos fenômenos da natureza, mesmo que não acreditemos mais em razões religiosas ou mágicas, não podemos esquecer os alertas proféticos.

Justamente porque, hoje, sabemos que não podemos por em Deus a culpa das mudanças climáticas e dos desastres naturais, devemos concluir que se há fome na terra, se ainda milhões de pessoas migram em busca de um trabalho ou de um prato de comida, a responsabilidade é nossa, somente nossa. Somos nós que continuamos acreditando num modelo de crescimento que concentra as riquezas nas mãos de poucos, que devasta a natureza até a exaustão e que explora o trabalho humano sem nenhuma piedade. Somos nós que nos deixamos levar pelos interesses do consumismo, do desperdício, da contaminação ambiental.

E os resultados estão aí, diante dos olhos de todos e todas.

Os alertas proféticos que nos convidam à austeridade, á partilha, á responsabilidade com os mais pobres continuam cada vez mais atuais e sempre mais urgentes.

Duas memórias desafiadoras

Para concluir este nosso ensaio sobre seca e migração, é necessário fazermos memória de dois episódios guardados nos textos bíblicos. São memórias que nos desafiam e nos provocam. Uma é do primeiro, a outra é do segundo testamento.

Na festa de Pentecostes, memorial da entrega da lei de Deus a Moisés, nas casas do povo, a parábola de Rute era leitura obrigatória. Uma parábola, como vimos, ultrapassa os limites do tempo e do espaço, vira paradigma para todos os tempos, é leitura universal.

Esta parábola começa com uma fome e uma migração: *Houve fome na terra e um homem partiu de Belém de Judá para estabelecer-se nos campos de Moab, com sua mulher e os dois filhos* (Rt 1,1).

Fome em Judá, em Belém (= a casa do pão) e migração da família inteira para o exterior, para as terras de Moab. Lá eles se estabeleceram, os dois filhos de Noemi casaram com mulheres moabitas. Mais tarde morreram e o pai também.

Voltou a ter pão em Belém e as três viúvas iniciam uma migração ao contrário, voltam às terras de Judá com muitos outros que tinham migrado por causa da fome.

Todos os judeus que estavam em Moab, entre os amonitas, em Edom e em todas as regiões ouviram que o rei da Babilônia deixara um resto em Judá e colocara à frente deles Godolias filho de Aicam, filho de Safã. Voltaram, pois, todos os judeus de todos os lugares em que estavam dispersos e foram à terra de Judá, junto de Godolias em Masfa, e fizeram uma colheita muito abundante de vinho e frutas (Jr 40,11-12).

Enquanto a elite política e econômica era exilada em Babilônia, os pobres de Judá receberam as terras (Jr 39,10) e muitos migrantes voltaram.

A parábola nos conta como Rute conseguiu para Noemi o direito ao pão, à terra e ao filho. Este é objetivo pentecostal de todas as leis: a vida plena do povo pobre. Booz – que neste texto representa os interesses do templo⁵ - é chamado a atender aos direitos da mulher, a proclamar a sua “hesed-amor”. Deixará de haver migração quando reinar a solidariedade entre os pobres, sem distinção de raça, sem reduzir o serviço do templo a ritos estéreis e alienantes.

⁵ Booz e o nome de uma das colunas que sustentavam o vestíbulo no templo de Jerusalém (1Rs 7,21).

Rute (= a saciada) é a “anti-fome” e faz verdadeiramente jus a seu nome porque procura saciar Noemi, símbolo dos pobres e dos mais fracos.

A segunda memória a encontramos entre as memórias de Jesus. É uma das poucas memórias que foram guardadas por todos os quatro evangelhos canônicos. Usaremos o texto de Marcos, o primeiro a ser escrito (Mc 6,30-44).

Aqui o processo é contrário: começa com a caminhada, primeiro dos apóstolos que voltam junto de Jesus, depois de sua missão; em seguida Jesus e seus amigos se mobilizam atravessando o mar em busca de um lugar deserto e, por último, o povo que vem de todas as cidades à procura de Jesus. A fome do povo, ao cair da tarde, é o ponto de chegada e preocupa os apóstolos.

Todos sabemos como Marcos nos conta esta memória, centrada na partilha do pão: partir, dar, distribuir é a lógica econômica que pode saciar a todos e ainda permitir que o povo recolha as sobras. Nada de armazém, nada de celeiros, nada de templo arrecadador. Uma mesa (e não um altar), uma casa (e não um templo) e um pão repartido entre todos (e não um sacrifício) serão os sinais eucarísticos da presença real de Jesus no meio de nós.

Marcos relembra uma segunda partilha (Mc 8,1-9). Os números usados (três dias, sete pães, quatro mil pessoas) são números simbólicos de uma narração escatológica. Esta segunda partilha é a que nos espera no fim da caminhada, quando sentaremos todos à mesa do Pai, para o banquete da festa eterna.

Entre a primeira, daquela tarde em que Jesus nos ensinou o que fazer com o pão e a outra que nos espera, se dá a nossa peregrinação: a nossa verdadeira migração, rumo ao destino final, à nova Jerusalém onde não haverá mais fome nem lágrimas.

É assim que, depois da primeira partilha, Jesus *“obrigou seus discípulos a subir no barco para atravessar para o outro lado”* (Mc 6,45-53). O mar, na simbologia bíblica, representa os poderes do império e do mercado dominante. Ele deve ser enfrentado por quem aprendeu o que se deve fazer com o pão, por quem aprendeu que a única maneira de vencer a fome é organizar o povo para que não fiquem como ovelhas sem pastor e abandonar a lógica do comprar e vender, para substituí-la com a capacidade de dar e repartir.

Os discípulos avançam no mar, com dificuldade, por causa do vento contrário e da noite que tinha chegado. Jesus, pelo contrário, não

tem medo do mar, caminha rapidamente sobre as águas e quase, os ultrapassa. “É um fantasma” gritam os amigos cheios de medo. “Sou eu, não tenhais medo” responde Jesus que sobe no barco para estar com eles. Marcos especifica: *Ficaram muito assombrados e maravilhados, pois não tinham compreendido os pães; antes o seu coração estava endurecido* (Mc 6,51-52).

Aqui está o eixo da questão: na nossa caminhada rumo aos novos céus e à nova terra precisamos compreender os pães. Uma igreja que não entendeu os pães tem o coração endurecido e, ao falar de Jesus, só pode anunciar um fantasma, uma fantasia, uma alienação.

A presença de Jesus no nosso barco, enfrentando o mar com a força di Yahweh (Sou eu) dando-nos coragem ao longo da nossa história, na longa migração da humanidade se faz concreta e verdadeira quando nós entendermos e praticarmos a lição dos pães.

Bibliografia

- SCHWANTES, Milton. *A família de Abraão e Sara*. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1986.
- GALLAZZI, Sandro. *Por uma terra sem mar, sem templo e sem lágrimas*. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1999.
- GONZALES ECHEGARAY, Joaquim. *O Crescente fértil e a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GALLAZZI, Sandro. *Piccola guida alla B.bbia*. Bologna: EMI, 2009.
- RHYMER, Joseph. *Os povos da bíblia: atlas ilustrado do mundo bíblico, 3.000 a.C. a 500 d.C.*, 1995

Abstract

Move away, for Yahweh has called up a famine on the country (2K 8:1)

All life dynamics of Israeli people is characterized by a chronic shortage of superficial water. Drought and hunger have been present in the people's lives, since the time of the patriarchs and matriarchs. Entire populations suffer the consequences of this reality: migration, dependency, oppression. This article aims to understand this reality and to show how drought is in the origin of the oppressor state and, at the same time, of the prophetic resistance. In conclusion, the article works on the symbolic meaning of hunger and food as elements in our journey towards the land without evil.

Keywords: *Hunger; Migration; Sharing; Oppression; Poor*

Recebido para publicação em 04/03/2011.

Aceito para publicação em 12/04/2011.

Received for publication in March, 04th, 2011.

Accepted for publication in April, 12th, 2011.